



✦ Espécie de CSI da religião, Ressurreição, transforma morte de Jesus em história de detetive. B4

Domingo 20/03/2016

HERANÇA CIRCENSE REACESA

FELIPE MIRANDA*
ESTAGIÁRIO

Num campo do futebol, um perna de pau é aquele jogador desajeitado. Fora de ritmo. Alguém sem habilidade alguma com a bola. Um indivíduo que não deveria estar ali. Sob a lona de um circo, um perna de pau desperta o interesse do público. Tem um efeito mágico sobre a plateia. É que ele enxerga o mundo com uma perspectiva diferente da nossa. Que pertence como ninguém àquele lugar. Como um pirata em alto

TONI EDSON
PROFESSOR DE
PERNA DE PAU

“É provável que ela tenha começado a ser utilizada pelos circos mambembes como forma de chamar atenção das pessoas. A distância, os circos podiam ser vistos”

rigos são expostos, assim como as formas de vitálos. O uso das joelheiras é obrigatório e garante que o impacto com o chão não seja tão forte. “Também vejo o alongamento como algo sério e essencial. A gente faz muitos abdominais porque eles precisam entender que a força da perna de pau vem exatamente do abdômen.”

Cada um tem seu tempo e a preciosa dica é estar aberto à redução do seu corpo. “No dia a dia a gente se desleixa quan-

to ao nosso jeito de andar. Então nas aulas prestamos mais atenção a isso. É preciso escuta e equilíbrio.” Equilíbrio que se adquire com o tempo e a um metro do chão. Se engana quem acha que o primeiro contato é com pernas de pau menores. “É o padrão. Eles começam com a perna de um metro para depois experimentarem as de 50cm e 60cm. Isso é necessário para os alunos entenderem na prática a relação entre peso e altura.”

artístico”.

“Na Espanha, a perna de pau recebe o nome de zancos. Há séculos existem corridas de zancos por lá. Na França, as pernas de pau eram utilizadas por pastores para observar seus rebanhos a distância. Foi a forma encontrada por eles para caminhar entre as vegetações de arbustos. Os agricultores alcançavam as frutas mais altas desse jeito. Já os exércitos romanos as usavam para atravessar terrenos alagadiços.” Há ainda os registros que envolvem a religião. “Na África existiam também rituais de iniciação e cerimônias em que jovens e sacerdotes utilizavam a perna de pau para completá-las”, conta. E ainda mais impressionante eram as batalhas que aconteciam na Bélgica envolvendo mais de 800 pessoas montadas em pernas de pau. “São datadas do século 15, mas ainda acontecem hoje em dia com um número menor de participantes e num caráter mais

podem participar por causa das dores e possíveis complicações dos esforços necessários. O medo não é bem-vindo e em todos os momentos alguém acompanha o aluno com o apoio de uma mão. Para Toni, a maior dificuldade encontrada para esses momentos reside na escassa produção das próprias pernas de pau em Alagoas. “Não é tão difícil subir e começar a andar. O mais complicado é ter acesso ao instrumento mesmo. Quando eu descobri que tinha alguém em Maceió fabricando fiquei muito feliz. A maioria das pernas de pau que tenho encomendei de Santa Catarina”, ressalta o professor. ☺

Segundo Toni, esses combates podem ter servido de inspiração para as pernas de pau do jeito que conhecemos hoje em dia: no âmbito das artes. “É provável que ela tenha começado a ser utilizada pelos circos mambembes como forma de chamar atenção das pessoas. A distância, os circos podiam ser vistos.” Como um aviso para o público de que o espetáculo estava próximo e prestes a começar.

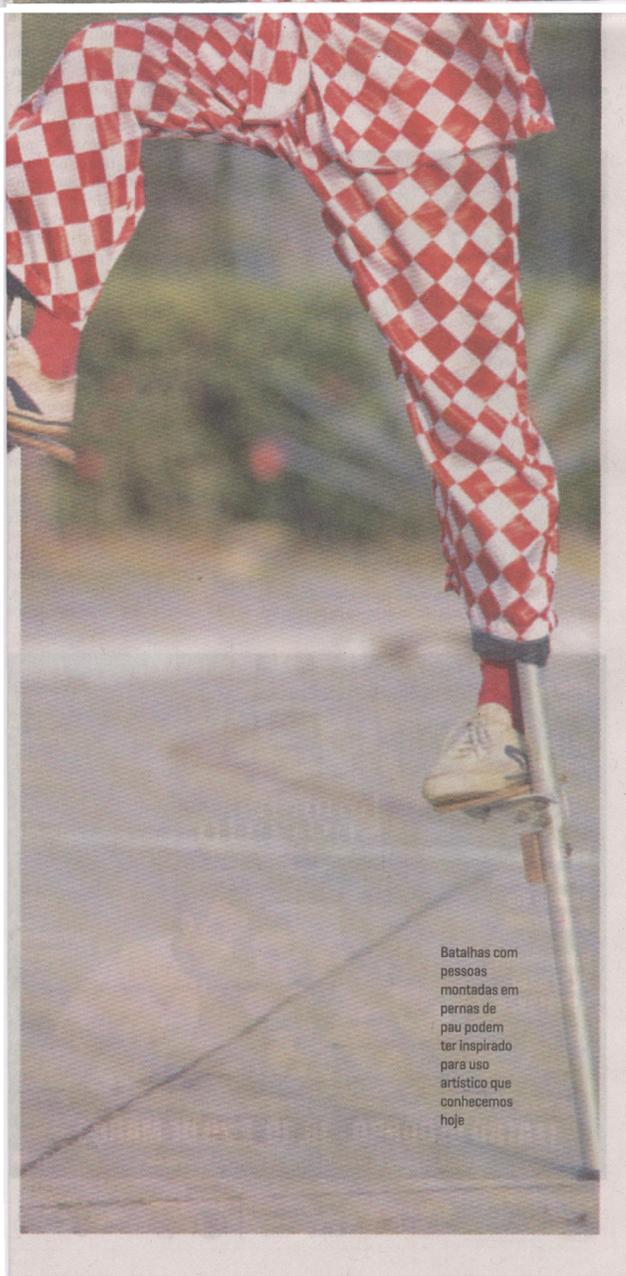
Muito além das inúmeras aplicações que uma perna de pau pode ter em cena, o professor destaca os resultados práticos do instrumento na vida de quem o utiliza. São 15 anos de contato com ele e a relação é benéfica. De paixão mesmo. “Eu reeduquei meu caminhar e encontrei um novo eixo para seguir. Quando eu era adolescente tinha muitos problemas de coluna e desde o momento em que comecei a andar de perna de pau percebi as mudanças. As dores que eu sentia reduziram consideravelmente. É tudo uma questão de postura.”

As aulas de iniciação ao teatro acontecem desde 2013, ano em que o sergipano se mudou para Maceió. E, apesar do caráter lúdico predominante, a prática possui certos riscos e todo cuidado é pouco na hora de subir rumo as alturas. “Quando mal utilizadas, as pernas de pau podem se tornar uma arma e realmente causar danos à coluna e aos joelhos. A primeira coisa que eu ensino aos meus alunos é sobre a importância de saber cair. A segunda é sobre aprender a subir”, afirma. No primeiro contato todos os pe-

podem participar por causa das dores e possíveis complicações dos esforços necessários. O medo não é bem-vindo e em todos os momentos alguém acompanha o aluno com o apoio de uma mão. Para Toni, a maior dificuldade encontrada para esses momentos reside na escassa produção das próprias pernas de pau em Alagoas. “Não é tão difícil subir e começar a andar. O mais complicado é ter acesso ao instrumento mesmo. Quando eu descobri que tinha alguém em Maceió fabricando fiquei muito feliz. A maioria das pernas de pau que tenho encomendei de Santa Catarina”, ressalta o professor. ☺

* Sob supervisão da editoria de Cultura
Continua na página B2

FORA DO PICADEIRO. Por todo o País, a prática de andar sobre pernas de pau vem ganhando novos ares. Está em ascensão e não apenas nos circos. Os palcos de teatro estão sendo invadidos, assim como ruas e áreas da construção civil. Em Alagoas, o cenário engatinha de forma promissora. Além de oficinas frequentes para quem tem interesse em aprender, temos um artesão especializado na construção profissional do instrumento. O Caderno B foi atrás dos envolvidos nesse movimento e encontrou histórias bonitas para contar. É arte!



Batalhas com pessoas montadas em pernas de pau podem ter inspirado para uso artístico que conhecemos hoje